

MEMÓRIAS DIGITAIS: ESCRITAS DE SI NAS COMUNIDADES ESCOLARES DO ORKUT

Robson Fonseca Simões *

RESUMO

Neste artigo procuro refletir sobre as escritas de si encontradas na rede social do Orkut, mais especificamente nas comunidades escolares do Colégio Militar do Rio de Janeiro e do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, considerando-as escritas autobiográficas virtuais sobre a vida escolar; nas palavras de Sibilía (2008), um verdadeiro festival de vidas privadas, um “show do eu”. Se a mão dos sujeitos incansavelmente deslizava, anotava os apontamentos da vida cotidiana em diários íntimos, cadernos, folhas, em caráter secreto, num tempo das tecnologias digitais, o usuário move-se sobre teclados, telas, deixando registros da sua vida, tornando, portanto, visíveis as suas histórias do cotidiano escolar. Como os usuários narram as suas histórias escolares? Quem são esses navegadores? Essas questões me instigam a pensar que o registro das experiências escolares possibilita ao sujeito “desnudar-se” (SOUZA, 2006). Valho-me dos estudiosos Chartier (2002), Aymard (2009), Muzart (1998), Lèvy (1999) e Lejeune (2008) para ajudar a pensar que os sujeitos também se constroem nos diversos suportes das escritas pessoais. Assim, essas escritas de si postadas na web podem se constituir elos no tecido das lembranças dos sujeitos que não se intimidam em contar as suas histórias escolares nesses novos suportes de escrita.

Palavras-chave: Escritas de si. Memórias escolares. Comunidades do Orkut. História da Educação.

ABSTRACT

DIGITAL MEMORIES: SELF-WRITING ON ORKUT SCHOOL COMMUNITIES

In this article, we try to reflect on the self-writings on the social communities of Orkut, specifically the ones from the school communities of *Colégio Militar do Rio de Janeiro* and *Colégio Marista São José do Rio de Janeiro*. We believe they are virtual autobiographical writings about the school life; according to Sibilía (2008), a true private lives festival, a “show of the self”. If the hand of the subject tirelessly slid, taking notes of the daily life in intimate diaries, notebooks, sheets, secretly, at the time of digital technologies, the user moves on keyboards, screens, leaving registrations of his life, making visible their school stories. How do the users narrate their school stories? Who are those users? These questions led us to think that the writing about the school experiences allows the subject (SOUZA, 2006) to show himself through it. Our study is based on specialists such as Chartier (2002), Aymard (2009), Muzart

* Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/ UERJ). Professor do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Endereço para correspondência: Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Rua Senador Furtado nº 121/125. Maracanã. Rio de Janeiro. CEP: 20270-021. fonsim2000@hotmail.com

(1998), Lévy (1999) and Lejeune (2008), who led us to understand that the subjects are also built through their personal writing in several medium. Those writing of the self on the web may establish links with the memories of the subjects, who are not afraid of sharing their school stories in these new writing medium.

Keywords: Self-writing. School Memories. Communities of Orkut. History of Education.

Eu estudei!!! Quem não se lembra da voz do professor de Biologia: caros cientistas do Marista!!! E o de Matemática: Seus polígonos!!! Quanta saudade... E também dos nossos amigos... Mônica, você trouxe o dever? RS Então... muita saudade... Abços...¹

Se a mão dos sujeitos incansavelmente deslizava, anotava os apontamentos da vida cotidiana em diários íntimos, cadernos, em caráter secreto, no tempo das tecnologias digitais, o usuário move-se sobre teclados, telas, deixando registros da sua vida, tornando, portanto, visíveis as suas histórias do cotidiano escolar, as suas memórias nas redes sociais do Orkut, ressignificando, portanto, as funções e as relações do autor/leitor com os textos no mundo contemporâneo. Nessa acepção, o campo das novas tecnologias, como diz Lévy (1999, p. 112), é “aberto, conflituoso e parcialmente indeterminado, no qual nada está decidido a priori”.

A epígrafe apresenta a escrita da usuária Ana Tereza, que digitou as suas memórias na tela de qualquer computador, provavelmente na sua casa, no colégio, ou numa *lan house*², trazendo para a tela o vivido no cotidiano do seu colégio; *scraps* que trazem pistas dos professores de Biologia, de Matemática, assim como as dos seus amigos de classe. Observa-se, assim, um dos sentidos do anonimato da tela; a ex-aluna tem à sua disposição o acesso à comunidade do colégio Marista São José do Rio de Janeiro no Orkut em qualquer um equipamento digital que tenha acesso à internet.

Tal qual a obra épica que narra as viagens e aventuras de Ulisses até a sua chegada à terra natal, sinto-me como um navegador nessa *Odisseia* do espaço virtual, no qual as memórias dos tempos escolares dispersas, esparsas, em trânsito, estão

à espera de leitores navegadores. Chartier (1999) sugere que a leitura da revolução digital se apresenta de forma fragmentada, num mundo no qual cada texto é pensado como uma unidade separada de informação. Essa forma de leitura se reflete na relação com as obras, já que o livro impresso oferece ao leitor a percepção de totalidade, coerência e identidade, o que não ocorre na tela. Nesse sentido, navegar na internet é uma nova caracterização do escritor/leitor diante do advento do hipertexto eletrônico, sujeito às intempéries.

Enquanto se navega no universo virtual, o que é possível encontrar? Águas turbulentas, ventos fortes, variações nas condições atmosféricas, correntes imprevisíveis, excesso de informação, catástrofes, documentários, jornais, revistas, blogs, twitter, Facebook, myspace, lojas virtuais, enfim, inúmeras janelas abertas para o navegador do espaço virtual. Foi na rede social do Orkut que encontrei um mar tranquilo, horizonte favorável, águas apropriadas para um mergulho digital. Mas, afinal, o que é o Orkut? Sibilia (2008) explica que a utilização dos blogs, fotologs, Orkut e outras redes sociais virtuais seriam estratégias que os sujeitos do tempo da internet colocam em ação para responder a essas novas demandas socioculturais, balizando outras formas de ser e estar no mundo.

Navegando nas águas das comunidades escolares do Orkut, orientado pelos astros do universo, aportei nas comunidades das escolas centenárias do estado do Rio de Janeiro, nas quais, impressionado, espiei como um espectador folhetinesco, suscitando, assim, o meu interesse ao observar que escritas e imagens compunham aquelas comunidades virtuais para visitar os passados escolares. Nas tensões entre estar na comunidade e/ou pertencer ao grupo dos ex-alunos da escola estão em jogo as fronteiras de um “mundo líquido” (BAUMAN, 2001).

Essas práticas de escrita de si nas redes sociais virtuais possibilitam aos sujeitos trocarem men-

1 Escrita retirada do Orkut em 06/03/2010, no Fórum *Quem estudou na década de 70*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Ana Tereza em 26/01/2005.

2 Trata-se de um estabelecimento comercial onde as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso à internet e uma rede local.

sagens, *posts*, *scraps*, trazendo as suas memórias escolares, nos Fóruns das comunidades escolares, estreitando laços de amizade, aproximando usuários, possivelmente distantes nos espaços geográficos, provavelmente na solidão das grandes cidades. Essas relações de sociabilidade, por meio dessas escritas de si postadas na rede social do Orkut, representam não apenas registros escritos, mas a possibilidade de se ter um espaço para troca de ideias, fortalecimento de vínculos afetivos.

Chartier (1999) lembra que a textualidade eletrônica permite desenvolver as argumentações e demonstrações segundo uma lógica não necessariamente linear nem dedutiva, mas que pode ser aberta, clara e racional graças à multiplicação dos vínculos hipertextuais, ou seja, trata-se de um processo de escrita/leitura realizado no ciberespaço não determinado. Por sua vez, Nicolaci-da-Costa

(2006) também observa que a revolução digital com o surgimento do hipertexto, ou seja, de um texto não linear, não sequencial e repleto de *links* que remetem a outros textos, inaugura a possibilidade de diálogo entre escritores e leitores; pode-se dizer que, no hipertexto, o usuário ganha uma oportunidade de leitura diferenciada da de um leitor do texto impresso, remetendo a outros textos, encorajando ainda mais a subversão dessa ordem, de modo que os leitores possam mover-se de um bloco a outro do texto, de maneira ágil e não sequencial.

No esforço em valorizar este tipo de fonte, o conjunto dessas escritas digitais permitiu-me encontrar em suas páginas signos, mensagens, escritas de si; é o que se pode examinar na Figura 1, no Fórum *Quem estudou na década de 70* (ORKUT, 2004a), na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro.

Figura 1 – Página da Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro no Orkut – Fórum Quem estudou na década de 70

The screenshot shows a web browser window displaying the Orkut forum page for the community 'Colégio Marista São José'. The forum title is 'Quem estudou na década de 70'. The page shows a list of forum posts with user avatars, names, and dates. The browser window shows the URL 'http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cnm=54214&tid=4826636'.

Colégio Marista São José
(5.002 membros)

Quem estudou na década de 70
Início > Comunidades > Alunos e Escolas > Colégio Marista São José > Fórum > Mensagens
mostrando 1-10 de 231

primeira | < anterior | próxima > | última

Valter 08/12/04
Quem estudou na década de 70
Eu estudei de 1974 (1ª série) à 1978 (6ª série). Sou do tempo da Periquita, alguém lembra dela ?

Alexandre 24/12/04
Fiz o São José na Barão de Mesquita de 77 a 79. Em 77 eu fiz o primeiro ano científico na Tecnológica (de manhã) em 78 fiz na Biomédica a tarde. Em 79 foi o pré vestibular. Lembro de colegas como Lilan, Samira, Adonis, Gaspar, Luciene, Hélio Trigo, Helio Maluco, Motta, Rúbio, Sandra, Ines. Dos professores lembro do Paulo Márcio (Matemática), Lino (Biologia) Menezes (Matemática) Lílico (História) Igor (Portugues). Irmão Gareto (Matemática) e Farinete (Coordenador)

Rosa 07/01/05
Estudei de 74 a 79 da quinta até o segundo ano do segundo grau no São José de cima e no de baixo. Lembro da Periquita, do Mário de português da sétima, do toleado de história do Lílico de história de um professor de ciências da oitava que dançou por ser muito liberal do irmão Anselmo da quinta. E passem vocês o Silveirinha tão falado na política era da minha turma na quinta série e o irmão Anselmo sempre implicava com o cabelo black power dele por causa dos piolhos.

Luiz 20/01/05
Perdidos dos anos 70!!!
Existe uma página na internet que reúne antigos alunos dos anos 70. Fazemos festas, temos lista, fotos e tudo mais ... anota aí:
<http://www.lei.adv.br/maristas70>
Verifique seu nome lá ... se não estiver entre em contato.
abraços
Luiz Bazílio

Fonte: Orkut (2004a).

O *scrap* postado pelo usuário Luiz, em 20 de janeiro de 2005, na sua comunidade escolar, revela a existência de uma página da internet que reúne os antigos alunos dos anos de 1970 do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. O *link*³ permite ao usuário a migração automática para aquele espaço virtual; a natureza intertextual é marcada pelos recursos textuais de textos ou fragmentos em forma de notas, citações, consultas, entre outros, o que possibilita o deslocamento imediato do usuário, se assim, desejar, àquele endereço eletrônico. O leitor pode intervir, deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera. Nessa acepção, desaparece a atribuição dos textos

ao nome de seu autor, já que estão constantemente modificados por uma escritura coletiva, múltipla, polifônica.

Delory-Momberger (2008) destaca que a narrativa é o momento primeiro do processo de produção de uma história de vida, um prenúncio. Examinando-se com as lentes das suas experiências históricas e sociais, os seus registros escolares saltam aos olhos, tornam-se visíveis aos sujeitos dessa rede social.

A Figura 2 pode exemplificar possíveis compreensões nas histórias de escola dos ex-alunos na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro.

Figura 2 – Página da Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro no Orkut – Fórum Bola ao Mastro



Fonte: Orkut (2004b).

3 Postado na cor azul pelo usuário Luiz.

No Fórum *Bola ao Mastro* (ORKUT, 2004b) dessa comunidade escolar, os usuários Sérgio, Jorge e Renata revisitam os seus passados escolares, quando participavam das partidas no jogo *bola ao mastro*. As escritas de si nessa rede social permitem inferir o júbilo daqueles sujeitos na existência de uma brincadeira a qual só os alunos daquele colégio conheciam. Os *scraps* também revelam experiências, constroem significados nas páginas virtuais; as escritas desses usuários, portanto, evocam os rituais escolares por meio das lembranças desse divertimento na escola.

Certeau (1982) explica que os discursos são emitidos de um dado lugar, um lugar temporal, espacial, institucional; um lugar de fala ou de autoria; um lugar social. Por sua vez, Aymard (2009) sugere que ao sujeito nunca faltaram mediações sociais. Desse modo, percebe-se que o indivíduo acumula experiências e laços sociais, que em parte serão esquecidos e desfeitos, em parte o acompanharão pela vida afora, estruturando ou animando seu espaço pessoal e social, mesmo que não haja cartas, lembranças ou escritas íntimas para comprová-los. Assim, sobre os laços sociais dos sujeitos:

Tais laços se conjugam com os da família e do parentesco para criar ao redor de cada indivíduo um conjunto de relações horizontais — com equivalência de idade, sexo ou situação social — ou verticais; em outras palavras, simétricas ou assimétricas, tranquilas ou conflituosas. Pois cada uma delas cria seu sistema de direitos e deveres, que uma casuística sempre mais sutil se empenha em colocar em ordem uma ordem hierárquica que forneça a solução racional e razoável para todos os casos. Sob esse aspecto o verbete ‘Amizade’ da *Encyclopédie*, elaborado pelo Chevalier de Jaucourt, constitui um modelo do gênero. Contrariamente à tradição estoica, que apreciava colocar os problemas em termos de tudo ou nada, não há definição nem código único, e sim ‘deveres da amizade’ que variam ‘de acordo com seu grau e sua natureza; o que acarreta outros tantos graus e naturezas distintas de deveres’. (AYMARD, 2009, p. 440).

Os estudos de Muzart (1998) sugerem que a internet reacende o gosto de ler e de escrever, apesar de afastar o usuário da máquina da página branca de papel, ligando-o à escrita no branco do vídeo, num ato de liberdade, escrevendo para partilhar os

momentos de vida, as alegrias e o prazer. Por seu turno, Sibilia (2008) acena sobre a espetacularização da intimidade cotidiana na web, com todo um arsenal de técnicas na estilização das experiências dos sujeitos, multiplicando, assim, os números de narrativas para falar de si, realimentando, assim, os códigos apropriados pelos novos gêneros que proliferam na internet.

Com poesia, Britto (2010) anuncia em versos a sua escrita autobiográfica: “Devia ter amado mais, ter chorado mais, ter visto o sol nascer, devia ter arriscado mais [...] ter feito o que eu queria fazer [...] cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração [...]”. Por sua vez, ao analisar a escrita memorialística:

Essa escrita pode assumir outras denominações, como romances pessoais, diários intimistas, crônicas memoriais e romances autobiográficos, embora todas elas sejam sobreposições da trilogia clássica ou mais conhecida: diário, memória, autobiografia. O que diferencia basicamente essas formas literárias de outras são as marcas da escritura do eu e os modos de inscrição de si mesmo, que resultam num pacto denominado por Philippe Lejeune de pacto autobiográfico. (LACERDA, 2003, p. 38).

Uma ampliação, em termos históricos, dos trabalhos com a memória é proposta por Lejeune (2008), ao considerar que, atualmente, graças à tecnologia, as escritas e testemunhos de si apresentam-se em novas formas na internet. É possível observar, assim, que as escrituras do eu nos diários, correspondências e blogs vêm se destacando como fontes para investigação. Este gênero possibilita um ângulo privilegiado para a percepção dos microfundamentos sociais nas escritas de si. Talvez a reflexão de Lispector (1980, p. 86) possa instigar a produzir os sentidos das escritas digitais dos alunos: “[...] cada palavra é uma idéia. Cada palavra materializa o espírito. Quanto mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento.”

Esse esforço de interpretação constitui-se, também, num exercício em apreender, por meio desse conjunto de textos, indícios das práticas de escritas escolares que almejam colocar em cena as histórias do cotidiano da escola; essas narrativas da vida escolar são possíveis discursos transitivos, vivos, na medida em que recompõem o sentido da história que enunciam; é o que se pode examinar na comunidade escolar ilustrada na Figura 3.

Figura 3 – Página da Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro no Orkut – Fórum Vc se lembram do seu número?



Fonte: Orkut (2005a).

Criado pelo usuário Betinho, o fórum *Vc de lembra do seu número?* (ORKUT, 2005a), da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, oferece pistas de como era importante o aluno se manter obrigado a saber de cor e salteado o número de sua identificação naquela instituição de ensino em 1968. O usuário Fernando Marçal afirma que mesmo depois de tanto tempo, foi aluno de 1968 a 1971, ainda se lembra do seu número: 906; Betinho também se lembra do seu número: 333; assim como o usuário Ronaldo, que não se esquece do número 0333.

Quando o assunto é o tempo estudado naquela instituição de ensino, encontram-se escritas no Fórum na comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro designado *Quando vc estudou no*

CM? que traduzem os momentos temporais ali vividos. Ao revisitarem as suas vidas escolares, os ex-alunos tornam-se sujeitos de suas próprias histórias; protagonizam os acontecimentos passados, talvez não divulgados, não socializados, que têm uma forma e sentido nas suas escritas memorialísticas. Nessa acepção, recorro à tessitura da intriga (RICOUER, 1994), para lembrar que a história de vida acontece na narrativa; assim, os narradores elaboram e experimentam as histórias das suas vidas; contudo, o tempo também se deixa mostrar por meio das narrativas; no tempo das redes sociais virtuais, abrem-se as portas para uma libertação dos gêneros narrativos nos cliques dos sujeitos; nesse sentido, os novos territórios existenciais são criados, construídos e incorporados

pelos sujeitos, em meio a uma teia de *links*, de símbolos e de significados.

Se a sociedade da informação e das tecnologias, mediada por computador, vem se constituindo cada vez mais com *softwares* e *sites* para viabilizar o compartilhamento dos mais variados arquivos com documentos, desde publicações científicas, livros, fotografias, imagens até escritas íntimas, é possível observar também na trama da cultura virtual entrevistas, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, e, mais recentemente, agendas e blogs aparecem no horizonte digital. Nessa acepção, surgem considerações a partir dessa forma subjetiva da escrita virtual, trazendo para discussão a privatização do público e a publicização do privado (VIÑAO, 2000): o tipo de diário íntimo virtual, representado pelas comunidades escolares do Orkut, ostenta esse paradoxo: ele é, ao mesmo tempo, íntimo e aberto a todos os usuários daquela página.

O espaço virtual tem-se mostrado ainda mais generoso ao oferecer múltiplas opções de narrativas sobre si para o usuário do tempo da *web*. Mas quem são esses navegadores que se materializam nos *scraps*?

Histórias escolares revisitadas nas comunidades escolares

Proponho uma nova incursão na obra literária *Odisseia* (HOMERO, 2000). Na terra dos feácios, Ulisses apresenta-se ao rei Alcino, e narra para o monarca as suas histórias desde a sua saída de Tróia. Assim, sinto-me como alguém que, tal qual aquele rei, procura compreender as histórias do outro desconhecido que narra as suas histórias escolares na *web*. Na tentativa de compreender, como sugere Chartier (2002), que as práticas são produzidas pelas representações nas quais os indivíduos e os grupos dão sentido aos seus mundos, caberia uma questão: como esses sujeitos se revelam nessas comunidades virtuais? Para tentar responder a essa questão, torna-se necessária uma reflexão acerca das possíveis identidades dos sujeitos nas comunidades do Orkut. Nasce, assim, uma discussão na página do Orkut, nessa comunidade escolar virtual. Os nomes escolhidos pelos sujeitos podem oferecer dúvidas quanto à veracidade. Não

seriam heterônimos? Pseudônimos? *Nicks*⁴? Ou, quem sabe, *nicknames*? A questão da identidade do mundo virtual pode ser interpretada como uma verossimilhança literária, num processo de intermediação sociocomunicacional.

O que é nome? O que significa nomear? Os estudos sobre os nomes e as suas respectivas escolhas realizados por Mignot (1993, p. 620) sugerem que: “Nomear implica designar, proferir, chamar, criar, instituir, eleger, escolher. A escolha de um nome é sempre um ato de arbítrio, liberdade, manipulação, dominação”. Por outro lado, o nome marca também uma forma de classificação. Machado (2003, p. 27), por sua vez, assinala: “O nome marca também um aspecto da subjetividade ou da posição social daquele que nomeia, e que é significado pelo nome que escolhe. Portanto, o nome é sempre significativo.” Nesse sentido, podemos observar alguns nomes escolhidos pelos usuários da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro para um de seus professores, destacando os momentos importantes nas suas vidas escolares, como se observa a seguir:

Bio Molécula... Quem nao lembra desse grande professor? Vcs se lembram desse prof. de biologia? Todo mundo escolheu esse nome pra ele... Eu lembro dele dormindo durante a prova... saudades de vcs...⁵

Podes crer... Senhor Bio Molécula!! Nunca mais esqueci dele... Adorava aquele mestre... Bio Molécula era showwww...⁶

Isso parece confirmar que o nome *Bio Molécula* foi escolhido pelos alunos para homenagear aquele professor de Biologia, do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, com um significado que vai além de uma metáfora, de uma metonímia, ou das próprias personificações dos elementos que compõem as especificidades das ciências da natureza. Quem sabe esses significantes possam produzir outros sentidos para os usuários, num possível jogo de

4 Os *nicks* apresentam uma significação que vai além de uma estrutura formal. Grosso modo, sua função é identificar o participante de um espaço virtual. É reconhecido também como *nicknames*, por ser uma espécie de apelido com o qual o usuário deseja ser reconhecido (MARCUSCHI; XAVIER, 2004).

5 Escrita retirada do Orkut em 09/03/2010, no Fórum *Bio Molécula*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Valente Castro em 01/08/2004.

6 Escrita retirada do Orkut em 09/03/2010, no fórum *Bio Molécula*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Fabiano Campos em 10/08/2004.

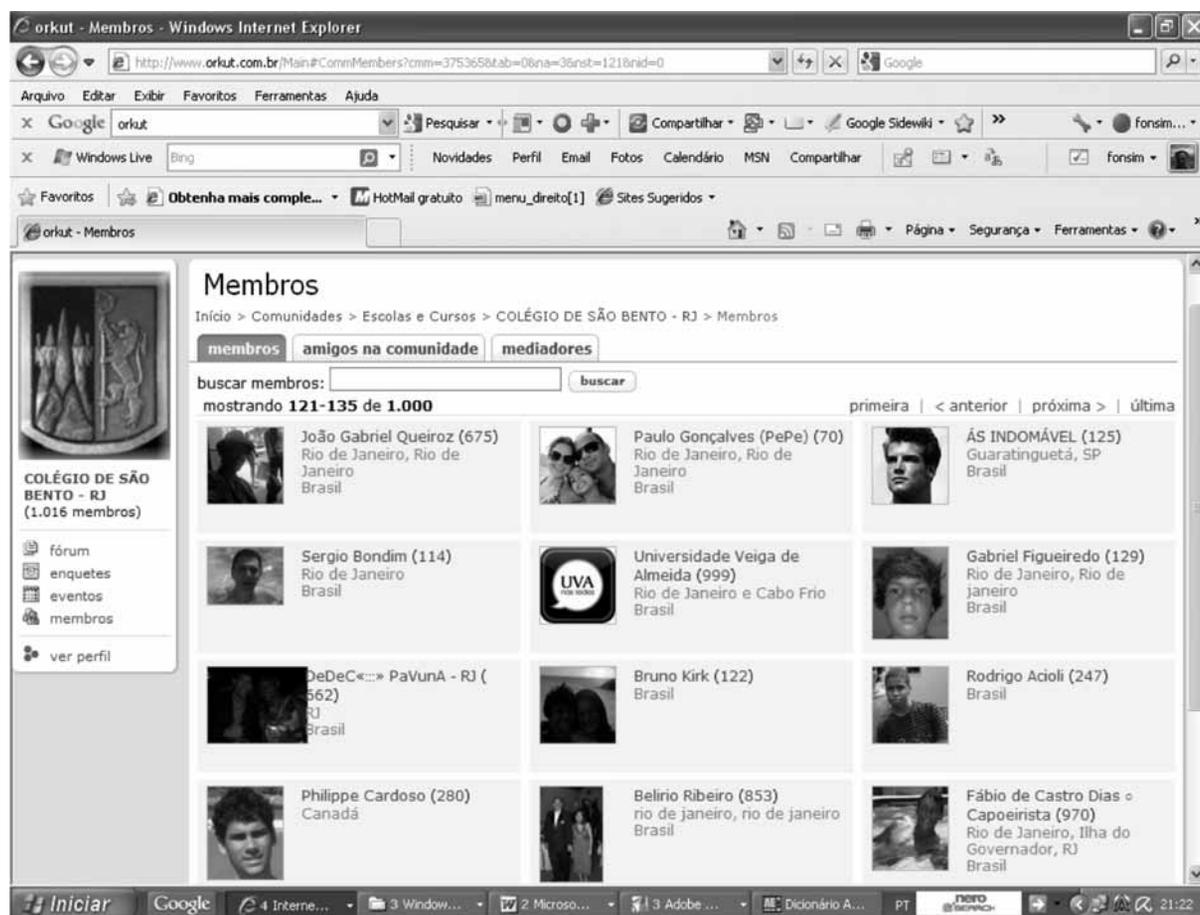
espelhos, refletindo, desse modo, outros significados para os ex-alunos dessa rede social virtual.

Os estudos de Gullar (1996) sobre os heterônimos⁷ do poeta Fernando Pessoa também podem encaminhar uma reflexão acerca da criação dos nomes. Há autores que escrevem narrativas, dramas, e nessas ficções atribuem sentimentos e ideias às figuras que as povoam. A cada personalidade que o autor viveu dentro de si, ele criou uma personalidade diferente, e fez dessa personalidade uma personagem. Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro Campos são exemplos dessas criações de Fernando Pessoa, portanto, o autor cria e assume outras personalidades como se fossem pessoas reais. Por sua vez, Machado (2003) procura examinar um dos grandes mistérios que assombram o leitor, em todas as épocas e sociedades: como funcionam os me-

canismos das escolhas dos nomes nas narrativas? Machado (2003, p. 27) explica: “o ponto de partida está diante de uma página em branco de um romance ou novela; as únicas palavras já preexistentes são os nomes dos personagens, tudo o mais poderá ser escolhido pelo autor [...]”. Debruçando-se sobre as obras literárias de Guimarães Rosa, a autora examina de perto como os nomes desempenham um papel deflagrador e estruturador nas narrativas. Aliás, sobre os nomes, vale destacar,

[...] essas transformações sígnicas (de significante e significado) se operam já por recursos paronímicos regulares da língua — hipocorísticos, diminutivos, aumentativos, redobros, desdobros, indobros, dedobros —, já por recursos regulares da fala ou discurso — associações sônicas, fônicas, fonológicas, mórficas, morfemáticas, paradigmáticas ou sintagmáticas. (HOUAISS, 2003, p. 10).

Figura 4 – Página da Comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro no Orkut – Página dos Membros



Fonte: Orkut (2005b).

7 GULLAR, Ferreira. *A Razão poética*. Disponível em < <http://www.cfh.ufsc.br/~magno/frames.html> > Acesso em 20/01/2010.

Nessa acepção, numa tentativa de aproximação aos nomes encontrados na comunidade do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro, na Figura 4, mais especificamente na página dos membros desta rede social, podemos examinar algumas designações.

O usuário João Gabriel Queiroz apresenta-se com um nome próprio e dois sobrenomes; Gabriel Figueiredo, um nome próprio e um sobrenome; Paulo Gonçalves (Pepe) e Fábio de Castro, capoeirista, aparecem com um nome próprio, um sobrenome e um apelido; DedeC da Pavuna, apresenta, possivelmente, um apelido; *Ás Indomável*, um nome que traz à memória um filme com as aventuras de um piloto nos ares. Mas o que é nome próprio? Sobrenome? Nome de batismo? Apelido? Na reflexão acerca dos nomes próprios, Machado (2003, p. 44) enfatiza: “[...] não há mais um sentido único de leitura, mas uma decifração e recriação permanente, feita de dedução e de intuição, de sensibilidade e de exploração das diferentes possibilidades de atualização daquilo que é dito potencialmente pelo nome.”

O significado para o nome próprio, segundo Ferreira (1975), é o nome com que se nomeiam individualmente os seres e que se aplica em especial a pessoas, nações, povoações, montes, mares, rios etc. Para sobrenome, Ferreira (1975, p. 1870) destaca: “[...] o que vem após o primeiro do batismo, ou prenome”. Por seu turno, o apelido para Ferreira (1975) é a designação especial de alguém ou de alguma coisa. Quanto ao nome de batismo, Mignot (1993, p. 621) observa que ele “sugere nascimento, um dado tempo e espaço; confere uma identidade, projeta sonhos, desejos e expectativas dos nomeadores”. Verifica-se, por conseguinte, que a escolha dos nomes dos usuários adquire novas significações na medida em que a imagem projetada de si não precisa ser, necessariamente, comprovada nessa rede social da web, sendo o mais importante, talvez, a construção de uma identidade com os reflexos dos seus desejos.

Há de se lembrar, também, nesta reflexão, dos pseudônimos criados pelos poetas Tomás Antônio Gonzaga (Dirceu), Basílio da Gama (Termindo Sipílio) e Cláudio Manuel da Costa (Glauceste Saturnio), ao final do século XVIII, no Brasil, ainda colônia portuguesa, para poderem destacar ecos de liberdade em suas escritas (BOSI, 1976).

Ao estudar os periódicos escolares, observa-se:

No início do século XX, mais especificamente nas escritas da imprensa quando havia uma função de proteger as autoras e suas famílias de críticas mal intencionadas, também é possível observar a continuidade na utilização de outros nomes para assinar artigos, que estava mais relacionada a uma lógica estética, pois as assinaturas com pseudônimos europeus, por exemplo, davam certo charme e elegância à escrita, já que tudo que vinha da Europa era considerado, principalmente pela elite daquela época, mais avançado e refinado. (CARUSO, 2005, p. 24).

No entanto, os estudos de Rocha (2003) permitem ver que os pseudônimos vão saindo de cena quando a condição social da mulher vai mudando e dando lugar a um discurso socialmente aceito. Assim, infere-se que essas estratégias com designações de outros nomes para identificar um sujeito não são de exclusividade do universo virtual. Os autores estabeleceram e ainda descobrem novas estratégias de autoria, pensando sobretudo nas formas de relação com os seus interlocutores, preservando, assim, os seus anonimatos nos textos.

Nas janelas abertas dessas redes sociais virtuais, observam-se os *nicknames*. O espectro da representação provocado pelas tecnologias digitais desencadeou a presença verossímil de uma pessoa na rede, o hiper-eu, um alguém digital na comunidade escolar do Orkut que pode não ser o usuário; são os nomes criados pelos sujeitos da internet, que por um motivo ou outro, não necessariamente representam as suas identidades reais. Esses nomes têm um valor discursivo por ser uma espécie de apelido com o qual o usuário deseja ser reconhecido. Com o seu nome real ou não, esses sujeitos convocam a desmesurada publicização do privado, levando a exibição da intimidade e a celebração do tom confessional como forma de legitimar a performance da própria existência.

As estratégias com designações de outros nomes para identificar um sujeito não são utilizadas apenas na internet, não são de exclusividade do universo virtual. Quem sabe um baile de máscaras, uma carnavalização na escrita da internet (BAKHTIN, 1979) na medida em que essa transposição do carnaval pode caracterizar-se por proceder a uma inversão do cotidiano, por corresponder à vida escolar que não está escrita ou narrada nos documen-

tos oficiais encontrados na instituição. A metáfora do carnaval sugere o espírito da excentricidade dos sujeitos no Orkut, possibilitando aos usuários revelarem os seus silêncios, as suas histórias não ditas nas vidas escolares.

Mediados pela cibercultura, os autores estabeleceram e ainda inventam novas estratégias de autoria, pensando, sobretudo, nas formas de relação que o usuário tem com o outro, ao preservar o seu anonimato. Mas o que é a cibercultura?

é o novo meio de comunicação; surge da interconexão mundial dos computadores; o termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo cibercultura, ele especifica como um conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, ou seja, o espaço virtual para a comunicação disposto pela tecnologia. (LÉVY, 1999, p. 142).

Será que essas identidades criadas nas comunidades do Orkut não são reais, mesmo sabendo que os usuários agregam outros sujeitos conhecidos? Com a chegada dos ambientes virtuais, o termo identidade também sofreu deslocamentos conceituais com a crescente complexidade das sociedades modernas e com o advento das redes no pós-modernismo (MORIN, 2000). Com o advento da internet, diversos estudos sobre as identidades dos sujeitos virtuais têm se desenvolvido; o motivo que tem despertado o interesse de tantas discussões, possivelmente, está na influência de que o mundo virtual tem provocado no indivíduo, seja na sua relação profissional, educacional, interpessoal, seja consigo mesmo.

É possível pensar que as identidades criadas pelos navegadores nas redes sociais da *web* possam gerar usuários não confiáveis, como mostra Bernardo (2008, p. 24): “devido ao autointeresse, viés pessoal ou memória seletiva, narradores confiáveis seriam narradores não confiáveis, sem dicas ou pistas de muitas de suas próprias não confiabilidades”.

No entanto, outro olhar sobre a confiabilidade nas comunidades virtuais vem oferecendo novas opiniões acerca das identidades na *web*. O texto de Giannetti (2011, p. 11) informa que “redes como o

Facebook e o Orkut estão encorajando as pessoas a empregar os seus nomes e identidades reais; a internet se faz parecer uma extensão do mundo real”. Assim, essas redes sociais virtuais também levaram as pessoas a se tornarem menos inclinadas a enxergar os outros que estão on-line como meros estranhos e mais propensas a pensar neles apenas como pessoas que ainda não se conheceram.

Assim, aparece um horizonte de confiança nas identidades criadas nas redes sociais da *web*; o Orkut, neste sentido, pode ser também um espaço virtual que seja a extensão das relações de confiabilidade dos usuários. Ademais, se na rede social do Orkut há, entre outras, a intenção de se aproximar dos amigos distantes, convidar alguém conhecido, infere-se que, nesses termos, exista uma relação de confiança, logo, possíveis identidades confiáveis.

Bergmann (2010) sugere que, talvez, o mais importante do que o questionamento da “veracidade” dos textos, das informações, dos depoimentos, ou mesmo das características dos usuários do Orkut seja justamente poder entendê-las como o efeito de um conjunto de práticas que, já há algum tempo, tencionam profundamente os domínios tanto da escola como das novas tecnologias. Nesse sentido – e daí a importância de nos determos nesse tipo de material – é que a força e as possíveis verdades contidas nos meios de comunicação são ampliadas “de uma forma radicalmente diferente do que sucede a um discurso que, por exemplo, opera através das páginas de um livro didático ou de um regulamento disciplinar escolar” (FISCHER, 1996, p. 124).

Considerações finais

As escritas de si nas comunidades escolares do Orkut anunciam as histórias do cotidiano escolar, das emoções vividas pelos ex-alunos. Assim, essas escritas de si constituem partes fundamentais do tecido das lembranças dos sujeitos que não se intimidam em narrar nessas novas materialidades de escrita, que interessam à história da cultura escrita, e que também unem os usuários das comunidades.

O cotidiano escolar é atravessado por momentos entremeados por fatos corriqueiros, traduzindo as experiências dos ex-alunos que marcam a história dos seus tempos escolares. De história em história, vai-se compondo o passado dos ex-alunos e, por

entre as memórias, o despojamento dos costumes, valores, práticas escolares. Despertando o interesse de outros interlocutores nesse mar da web, as comunidades escolares do Orkut parecem que cumprem o papel em poder revelar, exibir, mostrar as memórias dos seus usuários com as postagens que trazem outras histórias, distantes daquelas encontradas nos regulamentos oficiais das instituições de ensino.

Talvez ali, numa direção adversa dos possíveis registros oficiais das instituições de ensino, estejam registradas outras histórias das culturas, histórias da vida escolar dos ex-alunos. Se essas redes sociais virtuais também são feitas de produções e tensões

que nos permitem elaborar e partilhar sentidos, talvez ali mesmo, na fluidez e na intensidade dos fluxos, nos borrimentos das fronteiras virtuais, seja possível observar imaginários e histórias, construindo em trânsito e em processo, quem sabe, os relatos de memórias que não puderam ser registrados em outras materialidades.

Assim, resta o desafio de não deixarem desmoroná-los, como os castelos de areia são desmoronados com os ventos do deserto, mas procurar deixar as memórias se fortalecerem, mesmo no universo efêmero, no imperativo da conexão, sob os olhares dos usuários das comunidades escolares do Orkut.

REFERÊNCIAS

- AYMARD, Maurice. Amizade e convivialidade. In: CHARTIER, Roger. **História da vida privada 3**: da Renascença aos séculos das luzes. São Paulo, Companhia das Letras, 2009. p. 439-481.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. São Paulo: Forense universitária, 1979.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERGMANN, Leila Mury. Por favor, aula hoje não!: o Orkut, os professores e o ensino. In: COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito (Org.). **A vida no Orkut**: narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador: Eduufba, 2010. p. 57-78.
- BERNARDO, Gustavo. A leitura simpática do assombro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 ago. 2008. Revista Ideias, p. 14.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- BRITTO, Sérgio. Epitáfio. Disponível em: <<http://www.musica.uol.com.br>>. Acesso em: 14 out. 2010.
- CARUSO, Andrea. **Traço de União como vitrine**: educação feminina, ideário católico e práticas escolanovistas no periódico do Colégio Jacobina. 2006. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.
- _____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo projeto. São Paulo: Paulus, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/trabalhos/encomendados/gt04>>. Acesso em: 20 out. 2011.
- GIANNETTI, Cecília. O amor está no ar. **O Globo**, Rio de Janeiro, 03 abr. 2011. Revista de O Globo, p. 12.
- GULLAR, Ferreira. **A razão poética**. 1996. Disponível em: <<http://www.casadobruco.com.br/poesia/f/razao.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2010.
- HOMERO. **Odisséia**. Trad. Odorico Mendes. São Paulo: Ars Poética/EDUSP, 2000.
- HOUAISS, Antônio. Prefácio que deveria ser posfácio. In: MACHADO, Ana Maria. **Recado do nome**: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p. 7-12.
- LACERDA, Lilian de. **Álbun de leitura**: memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- MACHADO, Ana Maria. **Recado do nome**: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- MARCUSCHI, Luís Antônio; XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Decifrando o recado do nome: uma escola em busca de uma identidade pedagógica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 74, n. 178, p. 619-638, set./dez. 1993.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Do navegar e de navegantes. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIC, 1998, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Abralic, 1998.
- ORKUT. Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum **Quem estudou na década de 70**. 2004a. Disponível em: <orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=54214&tid=4826836>. Acesso em: 14 set. 2011.
- _____. Comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro. Fórum **Bola ao Mastro**. 2004b. Disponível em: <orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=54214&tid=1361626>. Acesso em: 16 set. 2011.
- _____. Comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Fórum **Vc se lembram do seu número?** 2005a. Disponível em: <orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=55653&tid=2433263966502860004&na=18nst=1>. Acesso em: 10 abr. 2011.
- _____. Comunidade do Colégio São Bento do Rio de Janeiro. **Página dos Membros**. 2005b. Disponível em: <orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=375365&tab=0&na=3&nst=0>. Acesso em: 09 mar. 2010.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (Org.). **Cabeças digitais**: o cotidiano na era da informação. Rio de Janeiro: PUC Rio, São Paulo: Loyola, 2006.
- RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papyrus, 1994.
- ROCHA, Olívia Candeia Lima. Escritoras piauienses: pseudônimos, flores e espinhos. **Mafuá - Revista de Literatura em Meio Digital**, Florianópolis, n. 00, dez. 2003. Disponível em: <http://www.mafua.ufsc.br/oliviacandeia.html>. Acesso em: 15 jan. 2006.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si**: estágios e narrativas de formação de professores. Salvador: UNEB, 2006.
- VIÑAO, Antonio. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente historico-educativa: tipologia y usos. **TEIAS: Revista da Faculdade de Educação da UERJ**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 82-97, jun. 2000.

Recebido em 15.04.2013

Aprovado em 10.07.2013